

Presidente arenista justifica sublegenda

31 JUL 1979

O senador José Sarney, presidente da Arena, admitiu ontem, em Brasília, a possibilidade da manutenção das sublegendas, depois da reformulação do quadro partidário.

"As sublegendas poderão prevalecer no pluripartidarismo, para contornar situações difíceis dentro de uma mesma agremiação, como ocorre em grande número de Estados. Essas divergências, naturais em partidos políticos, às vezes prejudicam eleitoralmente determinadas lideranças. Com as sublegendas, isso não ocorrerá. As diversas correntes, dentro de um mesmo partido, terão possibilidades de apresentar seus candidatos e oferecer uma gama maior de opção aos eleitores", afirmou.

Por outro lado, Sarney desmentiu notícias que circularam em Brasília, nos últimos dias, de que o presidente da República já se havia definido pela criação de um grande partido de apoio ao governo, tendo como base os governadores estaduais da Arena. O senador informou que qualquer decisão será tomada depois que ele completar a série de consultas que vem promovendo junto a governadores, lideranças regionais e parlamentares arenistas. Somente após a coleta da média de opinião dos arenistas é que apresentará um relatório ao presidente Figueiredo, contendo tudo o que colher nas esferas federal, estadual e municipal.

CRÍTICA

Em Curitiba, o senador José Richa, do MDB, afirmou ontem que a "reforma partidária anunciada pelo governo não passa de mais uma tentativa de golpe em cima do MDB". Explicou que "o arsenal de casuismos montado durante esses últimos dez anos pelo governo esgotou-se: de nada adiantaram instrumentos como as sublegendas, as eleições indiretas, a lei Falcão e o

pacote de abril, pois a oposição cresceu e ameaça assumir o poder em 1982. Então não resta outra alternativa ao regime senão extinguir e dividir o partido que lhe faz oposição".

"Se o governo tivesse mesmo intenção de democratizar o País — frisou — deveria começar pelo trabalho de desmontar o aparelho de repressão, que continua intacto, apesar da extinção formal dos atos de exceção. Na verdade, não vejo nenhuma diferença entre a caranca do ex-presidente Geisel e o sorriso do general Figueiredo, pois nada mudou na essência: a estrutura autoritária do regime continua a mesma".

O senador paranaense apontou a "tremenda confusão" reinante em torno da reforma partidária como "uma prova de que realmente o governo não tem boas intenções, pois caso contrário jogaria às claras e abertamente". Para José Richa, tudo leva a crer que o governo quer apenas substituir, de forma ostensiva, a Arena por um partido que tenha outro nome e se mostre menos desgastado perante a opinião pública".

Ele garantiu, porém, que "se isto acontecer a oposição também vai se manter unida, embora formalmente dividida em dois ou mais partidos". O próprio ex-governador Leonel Brizola, segundo o senador, "quando retornar ao Brasil vai entrar para o MDB e dentro do partido articular o seu PTB".

"O quadro político brasileiro está tão tumultuado", salientou José Richa, "que o MDB não descarta sequer a hipótese de o próprio governo lançar em breve a proposta de uma Constituinte com Figueiredo. É claro que, assim como a anistia parcial, uma reforma constitucional armada pelo governo não satisfará, mas este é, sem dúvida, o único presidente revolucionário que reúne condições de empreender um trabalho como este".